

Como num filme: “Corações de Fogo”

A espetacular cena do Pentecostes marca o início da vida pública da Igreja. E, com ela, mostra-nos a sua Cabeça, Pedro, num discurso que reflete o amor que sente por Jesus Cristo e pelas almas.

13/05/2021

Ver os outros textos da série “Como num filme”

Costuma-se dizer que o início de um filme é fundamental: tem de prender a atenção do público desde o primeiro momento. Mas além disso, nos bons filmes, o resultado já é antecipado na primeira cena. Não é que digam como acaba, o que estragaria tudo. É que, quando se acaba de o ver, diz-se: "Claro! É por isso que aquela personagem estava lá no início" ou "aquele quadro na primeira cena foi a pista para resolver todo o mistério, porque não percebi isso antes?".

De certa forma, isso acontece no Pentecostes (cf. At 2). É a primeira cena da *vida pública* da Igreja e tem de prender a atenção. É espetacular e convida-o a continuar até ao fim, para que queira fazer parte da história. Além disso, o episódio de Pentecostes esconde, nas suas breves linhas, a essência da ação apostólica da Igreja em todos os tempos.

Com Maria e os apóstolos

Mas comecemos pelo princípio, colocando-nos na cena: «E quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar». Mas quem são todos eles? Já foi dito antes. Costumavam-se reunir os apóstolos – que mais uma vez eram doze por escolha de Matias – e algumas das mulheres que acompanhavam Cristo no Seu ministério. Aquelas que permaneceram ao pé da cruz na hora difícil do Calvário. Entre elas destaca-se uma, «Maria, a mãe de Jesus». Este é o núcleo da Igreja. Reúnem-se em torno da Santíssima Virgem em oração, como nos diz o livro dos Atos noutra ponto: «Perseveravam unidos em oração» (At 1, 14). A tradição coloca estas reuniões no Cenáculo, onde Nosso Senhor celebrou a Última Ceia.

Podemos representar, perante os olhos da alma, a cena inteira. A sala, que é ampla. Algumas janelas, através das quais se pode ver o resto da cidade. Imaginamos os rostos de cada um dos apóstolos. Conhecemos o seu carácter e o temperamento de cada um porque lemos as suas intervenções ao longo dos Evangelhos. É certo que não temos muita informação sobre alguns deles, mas sabemos muito sobre outros. Estão a rezar. Talvez Pedro esteja a meditar atentamente naquela conversa com Cristo ressuscitado na margem do lago e na missão de pastor que lhe tinha confiado. Sem dúvida que alguns estão a rezar o Pai Nosso, saboreando cada uma das suas petições.

E, no meio deles, Maria. Todos a olham com grande afeto e com um respeito inigualável. Ela é a Mãe de Deus, mas também nossa. Talvez esteja sentada, absorvida em oração,

naquele diálogo contínuo com o Senhor que manteve ao longo da sua vida. Como seria a oração de Maria? Sublime, simples, fervorosa... muito difícil de descrever com palavras humanas. No seu rosto talvez ainda pudéssemos ver o cansaço devido à dor da Paixão e o reflexo do sorriso da manhã de Páscoa.

Um calor que não queima

«De repente, veio do céu um estrondo, como de um vento a soprar forte [...]. Viram aparecer línguas, como chamas, que se dividiram e pousaram sobre cada um deles». Quebra-se a calma, o barulho assusta todos. Esta é a parte espetacular da cena. Podemos aplicar os nossos sentidos: aguçar o ouvido da alma e ouvir o rugido do vento dentro daquela sala, na qual, no entanto, nada se move. As caras de surpresa dos que estavam reunidos devem ter sido enormes. Uma explosão. De

repente, algo como fogo incendiou o teto. Misteriosamente, *aquilo* divide-se em línguas e repousa delicadamente sobre as cabeças dos que se encontram reunidos. Também sentimos o calor na nossa testa. Dá calor, mas não queima. Como o arbusto que Moisés viu, as testas dos apóstolos «ardem sem se consumirem».

«Encheram-se todos do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas». Estavam cheios de Deus. Sem ter de se manifestar num afeto sensível, desfrutámos igualmente do que significa estar cheio de Deus. Ser um templo do Espírito Santo, carregar a Sua chama ardente no nosso seio. Os apóstolos viram-se então como se fossem varridos, como se possuídos pelo amor divino. Os que os veem sair do cenáculo assim o pensam: «Estão bêbados». Pareciam bêbados ou loucos! Algo semelhante aconteceu a São Josemaria: «Há

muitos anos atrás diziam de mim: está louco! Tinham razão. Nunca disse que não estava louco, estou louco perdido, mas de amor de Deus! E desejo-vos a mesma doença»^[1].

Aquele fogo ardia dentro deles: os apóstolos não podiam permanecer em silêncio. Vão lá para fora e encontram uma multidão ali reunida. Pessoas que tinham lá ocorrido atraídas pelo forte ruído que tinha ressoado por toda a cidade. Quando viram os apóstolos, ficaram perplexos: «Como é que cada um de nós os ouviu falar na nossa própria língua?»

Juntamo-nos agora a essa multidão heterogénea de pessoas expetantes. Há pessoas de todo o lado: partos, medos e elamitas... é como uma aula de geografia antiga. Norte, sul, este e oeste. De dentro e de fora do Império Romano. Cada um com os seus trajes típicos. Há pessoas vestidas com a elegância e sobriedade de Roma,

outras com túnicas pobres, há também turbantes exóticos. Peles de todas as cores, sotaques de todos os tipos. Estes homens, entre os quais tu e eu nos encontramos, representam o mundo inteiro. Pois a pregação apostólica deve ser dirigida a todo o mundo. De todas as regiões da terra, então e agora, vêm ouvir o ruído que se faz na Igreja. Perguntam quem somos, estão interessados na nossa fé. Alguns vêm com uma intenção sincera; há aqueles, talvez, que procuram Deus sem se aperceberem; e há também aqueles que troçam ou trazem todo o tipo de preconceitos. Não importa. A mensagem do Evangelho é para todos: «Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». Nós, no meio desta multidão heterogénea, parecemos ouvir o grito do nosso Padre: «Pequeno amor é o teu se não sentes zelo pela salvação de todas as almas. – Pobre amor é o teu se não

tens ânsia de pegar a tua loucura a outros apóstolos»^[2]. Queremos ter um amor grande! Um amor que contagie todos os homens!

O discurso de um pescador

As pessoas aglomeram-se na rua estreita em frente à casa de onde saem os apóstolos. São homens e mulheres com fome de Deus, como muitos dos nossos amigos, vizinhos ou colegas de trabalho. Estamos muito chegados a eles. Viramos os nossos olhos para cima, para o topo do telhado daquela casa à nossa frente. Trata-se de Simão Pedro. Para muitos é um estranho. Alguém o reconhece pelo seu sotaque como galileu. Alguns dizem que é um pescador, e que foi um dos primeiros a seguir o Nazareno. O facto é que Pedro, cheio do Espírito, vê a gigantesca avalanche de todo o tipo de pessoas e comove-se com ela. Não pode deixar de recordar as palavras

do Mestre: "Far-vos-ei pescadores de homens". O olhar de Pedro espelha o do seu Senhor quando, ao desembarcar, viu aquela multidão e "teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor". Pedro tem vontade de gritar, de falar bem alto: «Não vos dá vontade de gritar à juventude buliçosa que vos rodeia: loucos! Deixai essas coisas mundanas que amesquinham o coração... e muitas vezes o aviltam..., deixai isso e vinde connosco atrás do Amor?»^[3].

E é então, não antes, que Pedro começa a falar: «Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras» (At 2, 14). E segue-se um discurso que pode ler por si próprio (cf. At 2, 14-36). Que efeito teve? Quando o ouviram, «ficaram emocionados até ao fundo do coração, e naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas». Sim. Tinha funcionado. Não foi o

discurso de um orador brilhante ou de um filósofo erudito: foi o discurso de um pescador, de um judeu piedoso que conhece as Escrituras e ama Cristo. Foi o discurso daquele homem que, de coração nas mãos, disse: «Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que eu Te amo». Deus está a começar a fazer o seu trabalho no mundo. Para isso não precisa de pessoas especializadas, mas sim de corações apaixonados.

O apostolado vivido pelos primeiros cristãos, nos quais devemos sempre fixar-nos, não consistia na elaboração de planos complexos ou em estar na vanguarda do *marketing*. A *receita* do sucesso apostólico dos primeiros cristãos é a mesma de hoje: «Santidade pessoal: isto é que é importante, minhas filhas e meus filhos, a única coisa necessária. A sabedoria está em conhecer Deus e amá-l'O»^[4]. Obviamente, isto não significa que não se deva dar lugar a

uma preocupação lícita pela forma mais atrativa de apresentar o Evangelho aos homens de hoje. Mas nunca devemos perder de vista a prioridade: a nossa própria vida interior.

É assim que o fruto virá. Assim, doze homens incendiaram o mundo antigo. Assim, vamos incendiar os corações das pessoas de hoje.

.....

[1] cf. Salvador Bernal, *Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, cap. 6.

[2] São Josemaria, *Caminho*, n. 796.

[3] *Ibid.*, n. 790.

[4] São Josemaria, *En Diálogo con el Señor*, 20, 2a.

Miguel Forcada

Foto: Rhand McCoy

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/como-num-
filme-coracoes-de-fogo/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/como-num-filme-coracoes-de-fogo/) (06/08/2025)